

UCRÂNIA

O dragão entra em cena

China se alinha à Rússia e pressiona os Estados Unidos a considerarem as demandas do governo de Vladimir Putin. Washington pede a Pequim que use sua influência sobre Moscou para desencorajar invasão da ex-república soviética

» RODRIGO CRAVEIRO

Aliada da Rússia, a China tornou-se o mais novo componente da crise em torno de uma ameaça de invasão à Ucrânia. O governo do presidente chinês, Xi Jinping, instou Washington a levar a sério as demandas apresentadas pelo Kremlin para desescalar as tensões. Durante conversa telefônica com o secretário de Estado americano, Antony Blinken, o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, defendeu que a segurança de um país não deve funcionar às custas da segurança de outro. Segundo Wang, a estabilidade regional não deveria ser garantida pelo fortalecimento ou pela expansão de blocos militares.

Em carta enviada ao governo de Joe Biden, a Rússia, de Vladimir Putin, pediu aos Estados Unidos que deixem de apoiar a inclusão da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O Kremlin também se opõe à expansão da aliança militar ocidental rumo ao Leste Europeu, sob a justificativa de que tal manobra colocaria tropas e armamentos no entorno da Rússia. O Ocidente acusa Putin de preparar uma invasão à Ucrânia, com a mobilização de 100 mil soldados próximo à fronteira. O Pentágono anunciou, ontem, que detectou um aumento de movimentos militares russos nas últimas horas.

Na ligação com Blinken, Wang também convidou “todas as partes” a abandonarem “completamente” a “mentalidade da Guerra Fria”. Pequim advogou a formação de um mecanismo de segurança europeu sustentável, equilibrado e eficaz, por meio de negociações. “As preocupações legítimas de segurança devem ser levadas a sério e abordadas”, ressaltou o chanceler de Xi.

Número três do Departamento de Estado norte-americano,

Alexander Nemenov/AFP



Moradora do vilarejo russo de Shebekino, a poucos quilômetros da fronteira com a Ucrânia, caminha ao lado de monumento aos soldados mortos nas guerras da Chechênia e do Afeganistão

Victoria Nuland disse que Washington apelou a Pequim “para que use a influência com Moscou para instar a diplomacia”. “Se houver um conflito com a Ucrânia, tampouco será bom para a China”, alertou. Biden telefonou, ontem, para o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e ressaltou o compromisso com a soberania e a integridade territorial do país. Os EUA convocaram, para segunda-feira, uma reunião pública do Conselho de Segurança da ONU para debater a crise.

Observador

Chefe do Programa de Política Doméstica Russa do Carnegie Endowment for International Peace (em Moscou), Lilia Shevtsova lembrou ao

que, apesar da forte cooperação mútua, Rússia e China ainda não formam uma aliança. “Os dois países têm metas e interesses distintos em muitas áreas. A China observa, agora, se a Rússia vencerá esse confronto com o Ocidente. Nesse diálogo com Washington, Pequim apela por uma ‘resolução pacífica’ do conflito. Os chineses pretendem ficar acima da confrontação e utilizar isso em interesse próprio”, disse.

Shevtsova entende que o Ocidente está em uma armadilha. “Os Estados Unidos, que lideram a resolução de conflitos, querem chegar a um acordo com Moscou. No entanto, não estão prontos a abrir mão de seus princípios”, explicou. Segundo a estudiosa russa, os próximos passos da crise dependerão da habilidade dos

norte-americanos em consolidarem a unidade ocidental. “A Europa está dividida em relação a um acordo com a Rússia. A ‘velha Europa’ — basicamente, França e Alemanha — está pronta para firmar um compromisso. O Leste Europeu, o Reino Unido e os países bálticos pressionam por uma política dura em relação à Rússia. A resolução da crise dependerá da decisão de Putin sobre se os custos da ameaça da guerra e da escalada bélica são maiores ou não do que os custos de um recuo.”

Olexiy Haran — professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia) — alerta que, caso a Rússia tente controlar a ex-república soviética, a China poderá replicar as táticas contra o arquipélago capitalista de Taiwan.

“Depois que os EUA e aliados foram expulsos do Afeganistão, no ano passado, uma derrota na Ucrânia minaria a credibilidade do Ocidente. Para a China, a ocupação russa da Crimeia e a ameaça de ataque à Ucrânia são um exemplo de como Pequim poderia tentar desestabilizar Taiwan”, afirmou à reportagem.

Rumores dão conta de que Xi pediu a Putin que não comece uma agressão à Ucrânia durante os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim (de 4 a 20 de fevereiro). Em 2014, a Rússia anexou a Crimeia logo após o fim das Olimpíadas de Inverno sediadas no balneário russo de Sochi. “Não sabemos o que está na mente de Putin. Podemos ter entre duas e três semanas para o Ocidente estudar uma estratégia de reação às agressões da Rússia”, disse Haran.

Pontos de vista

Por Lilia Shevtsova
Chantagem belicista



Reprodução/Wikipedia

“Nem o presidente Putin responderá se a Rússia está prestes, ou não, a invadir a Ucrânia. O Kremlin quer aumentar a tensão para forçar os Estados Unidos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) a fazerem concessões. Putin não deseja a guerra. Ele usa a ameaça para obter o que deseja. Mas não significa que a hipótese de uma ação militar esteja totalmente excluída. A Ucrânia espera que os Estados Unidos encontrem uma saída.”

Chefe do Programa de Política Doméstica Russa do Carnegie Endowment for International Peace (em Moscou)

Por Olexiy Haran
Meios de desescalada



Arquivo pessoal

“O Ocidente afirma que a Otan está pronta a debater meios de reduzir a tensão. Isso incluiria a reabertura de escritórios da Rússia e da Otan, em Bruxelas e em Moscou; e a transparência das manobras militares, com um convite a observadores. Existe possibilidade de diálogo se a Rússia estiver interessada. O melhor meio para desescalar é ameaçar sanções.”

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Kiev)

HONDURAS

Primeira mulher eleita presidente toma posse

Diante de convidados ilustres, como a vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, e as ex-presidentes Dilma Rousseff (Brasil) e Cristina Fernández de Kirchner (Argentina), a administradora de empresas Xiomara Castro de Zelaya, 62 anos, tornou-se, ontem, a primeira mulher empossada para comandar Honduras até 2026. “Prometo ser fiel à República, cumprir e fazer cumprir a Constituição e suas leis”, declarou Xiomara, depois de receber a faixa presidencial das mãos de Luis Redondo, líder do Congresso reconhecido pelo governo, e ao prestar juramento perante a juíza de paz Karla Lizeth Romero Dávila.

“Neste dia histórico, informarei a Nação (...) sobre a tragédia social e econômica que Honduras enfrenta e sobre a minha proposta de refundação do Estado socialista e democrático”, acrescentou, durante a solenidade no Estádio Nacional de Tegucigalpa.

Esposa do ex-presidente Manuel Zelaya Rosales (2006-2009), Xiomara alertou que a miséria aumentou para 74%, convertendo Honduras no país mais pobre da América Latina. “Temos o dever de restaurar o sistema econômico sobre a base da eficiência e da justiça social”, defendeu. Ela também enviou uma mensagem às hondurenhas. “Não haverá mais violência contra as mulheres. Empregarei todas as minhas forças para que nossas

Luis Acosta/AFP



Xiomara Castro cerra o punho depois de receber a faixa e de prestar juramento, em Tegucigalpa

meninas possam se desenvolver plenamente. Mulheres hondurenhas, não fracassarei com vocês. Defenderei os seus direitos, contem comigo”, disse.

Economista, empresário, ex-candidato à Presidência de Honduras e ex-vice-presidente do Congresso Nacional, Olban F. Valladares Ordóñez admitiu que a posse de Xiomara empresta grande esperança ao povo. “Temos atravessado tempos de angústia. Além da pandemia da covid-19, tivemos dois furacões muito intensos, os quais causaram danos à espinha dorsal da nossa economia, a produção agrícola”, comentou. O governo começa

imerso em turbulência política. Uma disputa entre membros do Partido Libertad y Refundación, de Xiomara, levou a uma ruptura por diferenças mais pessoais do que de corte ideológico ou programático. “Isso estagnou a imagem de Honduras no exterior. Estamos sedentos de democracia e de liberdade”, afirmou Olban.

Xiomara terá que lidar com uma Assembleia Nacional fragmentada, após a nomeação de duas mesas diretoras — uma delas respaldada pela Corte Suprema de Justiça e outra por lideranças do próprio partido governista. Segundo Olban, nenhuma das duas mesas obteve a maioria

simples prevista pela Constituição (65 de um total de 128 deputados). “Por isso, os procedimentos legislativos carecem de validade e de confiança. O povo hondurenho está confiante e tem esperanças de que Xiomara nos conduzirá pelo caminho da democracia plena e da reconstrução do país, com a recuperação da infraestrutura, a geração de empregos e o aporte de investimentos externos”, comentou.

Se Xiomara quiser ter uma gestão satisfatória, Olban explicou que ela precisará enfrentar desafios muito sérios. “O termo mágico para seu governo será ‘geração de confiança’. A metade

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Hoje (ontem), testemunhamos a transição de um governo nacionalista, liderado pelo Partido Nacional, a um governo dirigido pela primeira vez por uma mulher. Isso ocorreu oito anos depois, contrariando a Constituição da República, que proíbe a reeleição. A posse de Xiomara Castro é um evento que satisfaz o movimento de reivindicação dos direitos das mulheres hondurenhas. A luta delas vem desde 25 de janeiro de 1954, quando conquistaram o direito ao voto. Por isso, vivemos uma grande esperança.”

Olban F. Valladares Ordóñez, economista, empresário, ex-candidato à Presidência de Honduras e ex-vice-presidente do Congresso Nacional

dos eleitores não apoiou Xiomara com o voto, mas, de alguma forma, deposita algum grau de esperança de que o governo ajudará a apagar os oito anos que tivemos de corrupção extrema.”

O especialista avalia que o Partido Libertad y Refundación é um leque de posições não tanto ideológicas. “Um desafio será a recuperação integral de Honduras. Em 2020, nossa economia sofreu uma queda de entre 9 e 10 pontos percentuais. No ano passado, crescemos entre 5 e 6 pontos percentuais. Isso não é suficiente para a recuperação econômica”, advertiu. Olban também cita a crise migratória, no norte do país, como um ponto urgente na agenda de Xiomara. “É preciso criar oportunidades de emprego e fortalecer a segurança pública. Precisamos que o governo dela transite pela

senda democrática, com respeito aos direitos humanos e metas claras e bem definidas.”

Crise

Em entrevista ao **Correio**, em 1º de dezembro, Xiomara Castro falou sobre os desafios que aguardavam. “Caberá a mim administrar um país em crise. Com uma dívida enorme e, especialmente, com uma dívida social. (...) Implementaremos um modelo neoliberal, privatizaremos tudo”, afirmou. Ela explicou que a primeira ação efetiva será a construção de um governo de reconciliação. “Será um governo onde todos os setores sejam parte do processo de refundação dessa nossa nova pátria.” Ainda segundo Xiomara, sua gestão será marcada pela transparência, pela austeridade e pelo combate à corrupção. (RC)